



As lições de Bernardo Guimarães em *A Escrava Isaura*: escravidão e literatura na segunda metade do século XIX

Bernardo Guimarães' lessons in "A Escrava Isaura": Slavery and literature in the second half of the 19th century

Daniela Magalhães da Silveira

Doutora em História

Universidade Federal de Uberlândia

danielasilveira@hotmail.com

Recebido em: 21/12/2017

Aprovado em: 12/01/2017

RESUMO: *A Escrava Isaura* é o romance mais conhecido de Bernardo Guimarães. Foi publicado em 1875 e traz importantes reflexões em torno da escravidão brasileira. Este artigo faz uma análise da personagem Isaura, com o objetivo de verificar o posicionamento de seu criador diante da situação das mulheres, quando a abolição chegasse para todas. O casamento é vislumbrado, no romance, como moeda de troca para se livrar do cativo. Por outro lado, pode ser compreendido apenas como uma troca de senhores, com a mulher saindo da casa do pai/senhor e entrando para a casa do marido. A mocinha deixava, então, de ser escrava para ocupar o papel de esposa tutelada por algum homem. Assim, torna-se evidente a proposta de Bernardo Guimarães para um Brasil sem escravos, especialmente no que diz respeito às mulheres. Esse seria um país de mestiças, bem educadas e dedicadas ao lar.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo Guimarães, Escravidão, Casamento.

ABSTRACT: Written by Bernardo Guimarães in 1875, *A Escrava Isaura* is his most known novel and brings important reflection about Brazilian slavery. This article analyzes the character 'Isaura' and aims to verify the positioning of its creator about the women's situation by the time they would experience the abolition. In this novel, marriage is showed as a bargain for freedom. On the other hand, it may be seen just as a masters' exchange because women simply used to leave their father's house and move to their husband's. In such a context, the girl, then, played the role of a wife owned by a man and wasn't a slave any more. Therefore, it becomes clear what Bernardo Guimarães proposes about women slavery in Brazil: a country of mixed races girls, with well-educated and devoted to their home.

KEYWORDS: Bernardo Guimarães, Slavery, Marriage.



“É uma perfeita brasileira”

A *Gazeta de Notícias*, de 8 de setembro de 1886, noticiava como haviam transcorrido as comemorações da Independência. Em artigo, publicado na primeira página e intitulado “A festa de libertação”, apareciam informações sobre como a câmara municipal da Corte estava enfeitada e contava com vários representantes de países estrangeiros. A família imperial também compareceu e, em seu discurso, D. Pedro II afirmava que continuaria promovendo a distribuição de cartas de alforrias a escravos do município neutro. Durante a distribuição das cartas, no entanto, houve o seguinte constrangimento, relatado pelo articulista do jornal, com detalhes:

Começou depois a cerimônia da entrega das cartas, que eram dadas pelas mãos de Sua Alteza Imperial aos libertandos.

Estes, em número de 60, estavam divididos em turmas, que eram apresentadas de dois em dois indivíduos, pelos vereadores.

Ao Sr. Visconde de Santa Cruz coube apresentar as cartas de dois homens perfeitamente brancos, e muito bem vestidos.

Sua Alteza, voltando-se para o Sr. vereador, perguntou:

- Quais são os libertandos?

O Sr. visconde respondeu que eram aqueles.

Houve um movimento de geral curiosidade, e Sua Alteza Imperial entregou as cartas aos dois homens, acompanhando-os com um olhar de profunda pena, até desaparecerem pela porta que dá para uma das dependências do arquivo, onde estavam os outros libertos.¹

Eusébio de Queiróz, entre 1833 e 1844, organizou a escravidão, vinculando imediatamente todo indivíduo de cor preta à suspeição de ser escravo². Mais tarde, o processo que culminou com a assinatura da Lei Áurea contou com a participação de vários membros daquela sociedade, elevando a questão racial a um ponto fundamental de suas discussões. Isso, por exemplo, foi o que nos mostrou Marcelo Balaban em sua análise das caricaturas produzidas por Angelo Agostini³. O caricaturista da *Revista Illustrada* tornou-se conhecido também por causa de sua suposta atuação abolicionista. Embora sua pena tenha dado vida a cativos perigosos e que não estavam preparados para o mundo do trabalho. Vários literatos também investiram nessa senda. Bernardo Guimarães se esmerou na caracterização de africanos e crioulos, em sua maioria, com traços animais e violentos. Em contraposição, tornou-se conhecido por causa das suas escravas “quase” brancas, ajudando a fortalecer o mesmo espanto e indignação que, logo mais,

¹ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1886.

² CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. PP. 228-229.

³ BALABAN, Marcelo. “‘Transição de cor’: Raça e abolição nas estampas de negros de Angelo Agostini na Revista *Illustrada*”. *Topoi*, Rio de Janeiro, V. 16, N. 31, 2015. P. 427.



apareceriam no olhar de D. Pedro II. Sendo assim, aos brancos caberia a liberdade natural. Em oposição, os escravos deveriam ser necessariamente pessoas de cor preta, desacreditados de que poderiam fazer parte do mercado de trabalho e que, por isso, necessitavam ter sua liberdade tutelada.

Não existiu uma forma unívoca entre aqueles homens de letras de caracterizar seus personagens escravos. Além disso, as vozes com relação ao futuro do sistema escravista e absolvição daqueles homens e mulheres pelo mercado de trabalho livre também foram dissonantes. Bernardo Guimarães destaca-se por causa de sua insistência em criar personagens femininas escravas “quase” brancas e que foram pensadas como as mais apropriadas para receber a liberdade e ganhar o título de brasileiras⁴.

O romance *A Escrava Isaura* foi publicado pelo mineiro Bernardo Guimarães, em 1875. Até o momento, não existem indícios de que essa história tenha tido alguma versão anteriormente publicada em formato de folhetim. Sabe-se apenas de uma publicação parcial, de 1881, em um periódico baiano⁵. A sua narrativa, no entanto, é hoje muito mais facilmente reconhecida, por causa da adaptação para o formato de novela. Sua maior divulgação foi àquela estrelada por Lucélia Santos, entre 1976 e 1977, para a Rede Globo de Televisão. Apesar disso, o argumento central desenvolvido neste artigo oferece importância para duas historicidades do romance, a saber: 1875, por ser o seu ano de publicação original; e os “primeiros anos do reinado do senhor dom Pedro II”⁶, período no qual se passa a história. Essas datações nos aproximam de “Mariana”, conto de Machado de Assis, publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871, e com enredo situado em meados da década de 1850. Sidney Chalhoub interpreta a história de Machado de Assis, considerando as discussões em torno da aprovação e aplicação da lei de 28 de setembro de 1871, lei do Ventre Livre. Uma das hipóteses do historiador é a de que “Machado parece sugerir que não havia saída para o problema da escravidão *por dentro* das relações instituídas entre senhores e escravos. A mensagem inescapável do conto é a necessidade de o poder público submeter o poder privado dos senhores ao domínio da lei”⁷.

⁴ Além de Isaura, personagem de *A Escrava Isaura* (1875), Bernardo Guimarães também criou Florinda, personagem “quase” branca do conto “Uma história de quilombolas” (1871).

⁵ ALVES, Kleber da Silva. “Por que razão não libertam esta menina?” **Discurso emancipacionista e perfil do liberto ideal no romance A Escrava Isaura**. Dissertação (mestrado em História), Universidade do Estado da Bahia, 2010. p. 40.

⁶ GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2004. p. 17.

⁷ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 137.



O autor de *A Escrava Isaura* formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e atuou como juiz em Goiás⁸. É possível acreditar que se encontrava bastante inteirado das discussões que envolveram a lei do Ventre Livre e de suas lacunas que deveriam ser resolvidas pela Justiça, de modo que existe a possibilidade de refletirmos acerca da história ficcional como parte daquele mesmo imbróglio. Vejamos, portanto, quais as propostas oferecidas por Bernardo Guimarães para a questão da escravidão, por meio de sua *A Escrava Isaura*.

A Escrava Isaura começa situando seus leitores e leitoras no tempo e espaço: como já afirmado, a narrativa passava-se nos primeiros anos do reinado de D. Pedro II, ou seja, na década de 1840, numa “linda e magnífica fazenda”, em Campos de Goitacases. A primeira voz que ganhou vida foi a de Isaura. Era “uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar”⁹. Na verdade, a cantiga da moça relatava as dores causadas pela escravidão. Ao descrever a personagem, o narrador do romance oferece destaque para a cor da escrava: “A tez é como o marfim do teclado (do piano), alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada”¹⁰. Logo em seguida, apareciam as descrições do colo, dos cabelos, da fronte e da face. A personagem foi minimamente detalhada, conforme ocorriam em diferentes falas masculinas a respeito do corpo da mulher negra¹¹. Poucas frases depois, Malvina também teve algumas de suas características físicas descritas: “uma formosa dama ainda no viço da mocidade, bonita, benfeita e elegante”. No mais, é possível acompanhar a exaltação de seu luxo e a correlação entre olhos azuis e bondade. Isaura é a escrava “quase branca” e Malvina a sua senhora. As duas personagens são apresentadas de forma a reafirmar o interesse pelo corpo das mulheres descendentes de africanos e a beleza natural da europeia nascida nos trópicos.

O diálogo travado entre as duas, logo nas primeiras páginas do romance, faz lembrar, mais uma vez, as palavras usadas por Machado de Assis no conto “Mariana”. A escravinha criada por Machado de Assis, assim como destaca Sidney Chalhoub, usufruía de todas as benesses oferecidas a uma filha de sua senhora, “a diferença estava em que a cativa não sentava à mesa nas refeições e não podia aparecer na sala em ocasião de visitas”¹². Por causa do tratamento recebido,

⁸ COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. V. 1. p. 810.

⁹ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 18.

¹⁰ _____. **A Escrava Isaura**. p. 19.

¹¹ XAVIER, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX”. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 67.

¹² CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. p. 132.



devia obediência e gratidão. No romance aqui estudado, diante da canção de lamento cantada por Isaura, Malvina a repreendia:

- Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. Bem sabes quanto minha boa sogra antes de expirar te recomendava a mim e a meu marido. Hei de respeitar sempre as recomendações daquela santa mulher, e, tu bem vês, sou mais tua amiga do que tua senhora. Oh! Não, não cabe em tua boca essa cantiga lastimosa, que tanto gostas de cantar. Não quero – continuou em tom de branda repreensão -, não quero que a cantes mais, ouvistes, Isaura?... Senão, fecho-te o meu piano¹³.

Ao mesmo tempo em que Malvina destacava os privilégios oferecidos à Isaura, a repreendia, mostrando que a escrava não tinha o direito de escolher a música que poderia cantar, nem de expressar seus sentimentos, muito menos de usar um instrumento musical característico das classes abastadas sem a permissão de sua senhora. Talvez, justamente por causa desses privilégios, Isaura tenha perdido o acesso a vários momentos de “liberdade” permitidos aos outros escravos¹⁴. O levantamento das qualidades de Isaura feito por Malvina mostra-nos, no mesmo patamar, educação e formosura, por causa de sua “cor linda”. O que deixa entrever que Isaura deveria ser grata por todos os ensinamentos recebidos e também por não ser percebida como uma descendente de africanos. Com isso, Bernardo Guimarães deixava indicado que os escravos mais preparados para receber uma educação à moda europeia eram aqueles de tez clara, para que, com isso, pudessem ocultar mais facilmente suas origens raciais. E ainda esses corriam o risco de ser ingratos para com seus “bondosos” senhores.

Outras duas personagens femininas ainda ganharam destaque nesse romance, por causa de suas cores. A primeira delas foi Juliana, a mãe de Isaura: “uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador”. Essa, no entanto, parecia não ser tão virtuosa como a filha, porque, se havia resistido por muito tempo aos ataques sexuais de seu senhor, acabou cedendo “às ameaças e violências” dele. Após ter seus encontros extraconjugais descobertos por sua “virtuosa esposa”, a mãe de Isaura, que já sofria com a

¹³ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 20.

¹⁴ Em *Helena* (1876), Machado de Assis construiu várias passagens com o objetivo de enfatizar que pessoas pobres e escravizadas tiravam proveito de momentos, aparentemente sem importância, para curtir as poucas horas longe da visão senhorial. Isso ocorreu, por exemplo, quando a personagem Helena tentou demonstrar a Estácio que um cativo poderia aproveitar o tempo dele de uma forma, enquanto ao senhor aquilo poderia ser apenas um modo de desperdiçar o tempo. Conferir: CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. pp. 29-30.



violência de seu senhor, foi exilada dos trabalhos domésticos e enviada para a senzala. Lá conheceu Miguel, o feitor português que era o pai de Isaura.

Quem teve suas características físicas esquadrinhadas, com uma quantidade incrível de detalhes, foi Rosa. Segundo a narrativa, Rosa tinha a mesma cor que a mãe de Isaura, embora fosse:

(...) uma rapariguinha, a mais faceira e gentil que se pode imaginar nesse gênero. Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga de além-mar. Ela, porém, os trazia curtos e mui bem frisados à maneira dos homens. Isto, longe de tirar-lhe a graça, dava à sua fisionomia zombeteira e espevitada um chiste original e encantador. Se não fossem os brinquinhos de ouro, que lhe tremiam nas pequenas e bem-molduradas orelhas, e os túrgidos e ofegantes seios que como dois trêfegos cabritinhos lhe pulavam por baixo de transparente camisa, toma-la-ieis por um rapazote maroto e petulante¹⁵.

Eis aqui a descrição do corpo da mulata que, mais tarde, ganharia bastante espaço em letras de músicas e nos enredos de romances¹⁶. A sexualidade estava indelevelmente associada à cor da pele da personagem Rosa. Seus lábios eram “voluptuosos” e os olhos travessos e encantadores. Os cabelos, por mais que tivessem um corte supostamente inadequado, ofereciam um “chiste original e encantador”. Para não deixar dúvidas a respeito do alto teor sexual ali impresso, os seios poderiam ser vistos por qualquer um, porque a personagem usava uma roupa transparente que os deixavam a mostra. Talvez, tenha sido justamente por causa desses seios e dos “favores” concedidos, que Rosa ostentava nas orelhas brincos de ouro. Sexualidade e raça aparecem aqui de forma indissociável, conforme já enunciou Mariza Corrêa, que, em seus estudos, ainda observou como Isaura acabava sendo igualada às mulheres brancas, “saindo do reino da amoralidade para o da conjugalidade”¹⁷. Assim, Bernardo Guimarães criava dois polos no que diz respeito às suas personagens femininas mulatas: de um lado estava a mulata

¹⁵ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. pp. 43-44.

¹⁶ Nos últimos anos do século XIX e primeiros do XX, talvez por causa da reorganização do trabalho livre e da tendência de muitos literatos de refletir sobre o futuro da nação, a figura da mulata ganhou bastante destaque. Segundo Martha Abreu, a valorização das mulatas nas canções apareceu acompanhada de seus atributos de beleza e sensualidade. Por sua vez, representar as mulatas como um cobiçado objeto de desejo sexual serviu como contraponto às teorias de coisificação da mulher escrava. Conferir: ABREU, Martha. “Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos”: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920)”. **Tempo**. Rio de Janeiro, N. 16, V. 8, janeiro de 2004. PP. 11-12. Dedicando-se a esse mesmo período Antonio Herculano Lopes avaliou a trajetória de atrizes, como Júlia Martins e Otilia Amorim, e suas dificuldades e preconceitos relacionados a questões de raça e de classe. Conferir: LOPES, Antonio Herculano. “Vem cá, mulata!”. **Tempo**, Rio de Janeiro, V. 13, N. 26, janeiro de 2009. p. 81.

¹⁷ CORRÊA, Mariza. “Sobre a invenção da mulata”. **Cadernos Pagu** (6-7), 1996. p. 45.



sexualizada – Rosa – de outro a virgem pronta para o casamento – Isaura. Embora as duas tivessem “sangue africano” correndo em suas veias e fossem classificadas por ele como mulatas.

O que distancia Rosa de Isaura não é apenas a cor da pele ou a sexualidade negada a uma e atribuída à outra com exatidão. É principalmente o fato de Rosa ser a “invejosa e malévola”, enquanto Isaura era “bonita e civilizada como qualquer moça branca”¹⁸. O que as diferenciava, portanto, era a educação oferecida à Isaura pela mãe de Leôncio¹⁹. Talvez essa seja a principal lição deixada por Bernardo Guimarães, em *A Escrava Isaura*: ofereça uma educação adequada às escravas “quase” brancas e teremos uma Isaura. Aquela que será capaz de assumir um papel especial no país por ele desejado, com trabalhadores livres oriundos das senzalas, e mulheres prontas para a maternidade. Mas a educação não seria o bastante, se não arranjassem para essas mesmas mulheres um casamento considerado adequado. Basta enfatizar que a mulata seria um dos caminhos, talvez o mais curto, para a geração de indivíduos de pele cada vez mais clara²⁰. Bernardo Guimarães vivia um momento em que, com a lei libertava-se o ventre daquelas mulheres, mas o casamento seria necessário para controlar os corpos delas.

“Arranjo-te a liberdade e caso-me contigo”

No mesmo ano de publicação de *A Escrava Isaura*, uma das revistas dirigidas ao público feminino de maior sucesso era o *Jornal das Famílias*. Em 1875, Machado de Assis, ora usando o seu próprio nome, ora algum pseudônimo, apareceu onze vezes naquelas páginas²¹. Várias de suas tramas giravam em torno de namoros e arranjos que levariam ao casamento²². Como protagonistas dessas narrativas, encontramos moças e rapazes preocupados com o futuro financeiro e que vislumbravam, em algum enlace matrimonial, a possibilidade de escapar ao

¹⁸ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 45.

¹⁹ Em seu trabalho, Luciano Mendes de Faria Filho observa como Bernardo Guimarães oferece importância para a educação de suas personagens femininas. Para tanto, constrói certo modelo de educação feminina para a época. As mulheres sabem mais ler do que escrever, também aprendem a costurar, entre outros itens. Enquanto a educação voltada para as mulheres era mostrada pelo literato de modo benéfico para a formação do caráter delas, o mesmo não ocorria com os personagens masculinos. Leôncio, por exemplo, não conseguiu concluir os cursos superiores nos quais foi matriculado e, quando partiu para estudar na Europa, passou todo o tempo apenas conhecendo lugares pouco recomendáveis. Conferir: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Ilustração e educação: uma leitura de Bernardo Guimarães”. *Educação Revista do Centro de Educação*, Universidade Federal de Santa Maria, V. 31, N. 1, 2006, pp. 163-168.

²⁰ SANTIAGO, Silvana. *Tal Conceição, Conceição de Tal: classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2006. p. 108.

²¹ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leitores e leituras do Jornal das Famílias*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2005. p. 2010.

²² O *Jornal das Famílias* foi uma revista editada por B. L. Garnier, entre 1863 e 1878. Era mensal e contou com uma enorme participação de Machado de Assis, por meio de diversas assinaturas diferentes. Conferir: SILVEIRA, Daniela. *Contos de Machado de Assis*.



trabalho (quando se tratavam de personagens masculinos) ou de não viver desamparada (quando se tratavam de personagens femininos). Às viúvas eram receitados novos enlaces, enquanto às jovens moças o casamento era aconselhado antes que ficassem mal faladas, pois trocavam de namorados com muita frequência. Alguns desses homens e mulheres ficcionais ganharam a cor “morena” como característica física e não eram herdeiros de grandes fortunas. O casamento apresentava-se, portanto, naquele momento, como um dos melhores investimentos, seja para homens, seja para mulheres. Era um arranjo de família ou uma estratégia traçada pelos próprios nubentes.

O tipo de narrativa escrita por Machado de Assis para essa revista ajuda a entender um pouco sobre algumas das escolhas feitas por Bernardo Guimarães, em *A Escrava Isaura*. Parecia existir um ambiente favorável para histórias de casamentos arranjados, como o matrimônio de Leôncio e Malvina. Assim, a moça “já estava destinada a Leôncio por comum acordo e aquiescência dos pais de ambos”. Por outro lado, não bastava mais a palavra firmada entre as duas famílias. Era necessária a vontade de ambos os envolvidos. Segundo o pai de Miloca, personagem de Machado de Assis, preparada para o *Jornal das Famílias*, cumpria a ele “velar pelo futuro” da filha, “mas a primeira condição de um casamento é a afeição recíproca”²³. Talvez por causa dessa nova forma de pensar, Bernardo Guimarães tenha inserido a afirmação de que, apesar de um tratado pré-estabelecido, “os moços (Leôncio e Malvina) viram-se, amaram-se e casaram”. O casamento deixava de ser, ao longo do século XIX, um negócio entre famílias que pretendiam preservar a produção e se tornava um arranjo voltado ao consumo, de modo que as decisões individuais prevaleciam sobre os interesses coletivos. A separação entre família e negócios parecia ser o novo princípio seguido²⁴ e teve a sua divulgação sob a pena de Bernardo Guimarães, assim como de outros literatos.

Em contrapartida, não é possível afirmar que os nubentes abriram mão por completo das vantagens financeiras oferecidas por determinados enlaces, ainda que o dote tenha deixado de ser uma prática comum, conforme indica Muriel Nazzari²⁵. Literatura e imprensa foram instrumentos

²³ *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874. p. 340.

²⁴ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote: Mulheres, famílias e mudanças sociais em São Paulo, Brasil, 1600-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 172.

²⁵ Muriel Nazzari apresenta uma ampla pesquisa a respeito do desaparecimento do dote, defendendo que, em São Paulo, no século XIX, quando as mulheres deixaram de levar o dote para o casamento, perderam boa parte de seu poder de negociação. Os casamentos entre classes sociais diferentes foram facilitados, mas as mulheres passaram a uma situação de dependência muito maior. Isso apareceu refletido até mesmo numa maior adoção do sobrenome dos maridos pelas mulheres após o casamento. Além disso, houve um impulso maior na educação e alfabetização femininas que passaram a servir de atrativos a futuros esposos. Conferir: NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote**.



importantes na divulgação de casamentos motivados pelo amor romântico e na detração de uniões firmadas sob o acordo financeiro. Por sua vez, parecia ainda haver as duas práticas, sendo que em vários contos do *Jornal das Famílias*, o amor vinha acompanhado de interesse financeiro e nem sempre os protagonistas eram punidos por desejar um futuro estável. Na história de Bernardo Guimarães, “Leôncio olhou para o casamento como o meio suave e natural de adquirir fortuna, como a única carreira que se lhe oferecia para ter dinheiro a esbanjar a seu bel-prazer”²⁶. Esse princípio, no entanto, foi traçado com o objetivo de ser duramente criticado. Por isso, o casamento de Leôncio e Malvina parecia de antemão fadado ao fracasso, e a justificativa encontrada era a de que o rapaz havia se casado por especulação. A moça também não foi poupada, pois só conseguia despertar paixão e “prazeres sensuais”. O literato mostrava a sua opção e deixava a mensagem de que homens movidos por interesses financeiros e mulheres vaidosas não protagonizariam uniões felizes.

Os arranjos que antecederam ao casamento de Leôncio e Malvina estão nas primeiras páginas do romance. Mas é Isaura quem se encontra no centro das atenções. Essa personagem, por sua vez, em nada se assemelha àquelas mocinhas namoradeiras encontradas no *Jornal das Famílias*. Até mesmo porque, ao contrário daquelas, Isaura era uma escrava. Casamentos entre parceiros da escravidão não eram incomuns. A personagem feminina, pertencente à revista e criada por Machado de Assis, que ousou se apaixonar por seu “senhorzinho” foi a Mariana que, assim como Isaura, também ocupava um espaço considerado à época como privilegiado dentro da casa senhorial. Mariana, no entanto, não teve final feliz, porque sabia que jamais seria recebida como noiva por aquela família e nem por seu amado.

A historiografia vem tratando não apenas de histórias de casamentos entre escravos, mas de processos de divórcio/anulação de casamento. Sandra Graham mostrou como a vontade feminina era respeitada, mesmo que para isso fosse preciso enfrentar homens influentes que exerciam poder sobre a vida delas²⁷. É importante ressaltar que isso não acontecia sem certa dose de sofrimento e até mesmo de violência física. A história de Bernardo Guimarães romantiza ao limite os enfrentamentos de uma escrava para se casar por amor com um homem branco e rico. No entanto, o casamento é diversas vezes oferecido à personagem como alternativa para se livrar do cativo. Vejamos como isso foi construído pelo literato.

²⁶ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 23.

²⁷ GRAHAM, Sandra. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9.



A primeira vez que a possibilidade de Isaura querer se casar apareceu numa conversa entre ela e Malvina. Foi no mesmo momento em que a jovem senhora repreendia a moça, por causa da cantiga triste entoada ao piano. Malvina queria entender a tristeza de Isaura, incompreendida pela senhora que acreditava que a escrava tinha naquela casa uma vida melhor do que a levada por muitas mulheres livres. De acordo com o diálogo entre as duas, Isaura só poderia estar apaixonada:

- Anda lá; já sei o que te amofina; a tua cantiga bem o diz. Bonita como és, não podes deixar de ter algum namorado.

- Eu, senhora!... Por quem é, não pense nisso.

- Tu mesma; pois que tem isso?... Não te vexes; pois é alguma coisa do outro mundo? Vamos já, confessa; tens um amante, e é por isso que lamentas não teres nascido livre para poder amar aquele que te agradou e a quem caíste em graça, não é assim?...

- Perdoe-me, sinhá Malvina – replicou a escrava com um cândido sorriso. – Está muito enganada; estou tão longe de pensar nisso!

- Qual longe!... Não me enganas, minha rapariguinha!... Tu amas, e és mui linda e bem prendada para te inclinares a um escravo; só se fosse um escravo como tu és, o que duvido que haja no mundo. Uma menina como tu bem pode conquistar o amor de algum guapo mocetão, e eis aí a causa da choradeira de tua canção. Mas não te aflijas, minha Isaura; eu te protesto que amanhã mesmo terás a tua liberdade; deixa Leôncio chegar; é uma vergonha que uma rapariga como tu se veja ainda na condição de escrava!

- Deixe-se disso, senhora; eu não penso em amores e muito menos em liberdade; às vezes fico triste à toa, sem motivo nenhum...²⁸

Nesse diálogo vemos a posição senhorial de Malvina diante de Isaura. A moça branca coloca-se como aquela que tem poder absoluto sobre a vida da sua escrava. Por sua vez, a escrava mostra ter consciência de que suas vontades não seriam o bastante, mesmo usufruindo de uma relação amigável com sua senhora. O posicionamento de Isaura pode ser lido como o de uma pessoa humilde e resignada, mas também deixa entrever o de alguém que não sente qualquer esperança de felicidade dentro do sistema escravista. Outro ponto interessante é o fato de Malvina pautar todos os sentimentos de Isaura a partir da sua própria visão de mundo, tão semelhante aquela das mocinhas namoradeiras do *Jornal das Famílias*. Assim, para Malvina, toda moça bonita teria como maior preocupação os namoros, cartas e confidências trocadas. Ainda no mesmo diálogo, Malvina mostra seu preconceito ao afirmar que uma moça “quase” branca e prendada não poderia se relacionar com qualquer escravo da fazenda. E ainda fecha o seu pensamento, indicando que só poderiam ser escravizadas pessoas que carregassem traços raciais

²⁸ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. pp. 20-21.



africanos: “é uma vergonha que uma rapariga como tu se veja ainda na condição de escrava”. Então, manter outras pessoas sob a escravidão não seria motivo para se envergonhar? As duas jovens moças travaram uma discussão que poderia ser sobre sexualidade feminina e escolhas conjugais, mas que acabou decaindo para a questão da escravidão e da obediência senhorial. São duas mulheres conscientes de seus espaços de poder com relação ao casamento, mas também sabedoras da fragilidade das frestas de liberdade encontradas dentro da escravidão.

Em outro momento, Isaura é abordada por Henrique, irmão de Malvina. O personagem pretende oferecer “liberdade” à escrava em troca do “amor” dela. A oferta foi feita nos seguintes termos: “Além da liberdade terás tudo o que desejares, sedas, joias, carros, escravos para te servirem, e acharás em mim um amante extremoso, que sempre te há de querer e nunca te trocará por quanta moça há por este mundo, por bonita e rica que seja, porque tu só vales mais que todas elas juntas”²⁹. Não havia qualquer menção ao casamento legal. Henrique pretendia transformar Isaura em sua amante, intenção semelhante à de Leôncio. Quem naquela disputa pretendia levar Isaura ao altar era apenas Belchior, “o jardineiro monstrengo”. Apesar do aspecto físico, Belchior fez oferta a Isaura com termos semelhantes aquela de Henrique: “Se me quiseres, como eu te quero, arranjo-te a liberdade e caso-me contigo, que também não és para andar aí assim como escrava de ninguém”³⁰.

Isaura tinha motivos para desconfiar dessas propostas. Não apenas porque o seu criador pretendia construir uma personagem pura, doce e romântica. Alguns processos de divórcio, estudados por Juliana Barreto Farias, mostram que um dos caminhos para que escravas conseguissem a tão almejada carta de alforria era por meio do casamento. Buscava-se a alforria para firmar o enlace na Igreja Católica, e, talvez, aquele primeiro momento fosse repleto de alegria para ambas as partes. Passado um tempo, algumas mulheres percebiam que apenas tinham trocado de senhor, com seus maridos exigindo parte daquilo que era ganho nas ruas por elas como quitandeiras, além de continuarem sofrendo castigos físicos³¹. Por outro lado, o casamento entre escravos poderia conferir certo status num mundo dominado por regras criadas por brancos livres, além de reforçar laços de solidariedade firmados entre pessoas que viviam a mesma experiência³². O que chama atenção no romance estudado é que os principais cortejadores

²⁹ _____. **A Escrava Isaura**. p. 29.

³⁰ _____. **A Escrava Isaura**. p. 34.

³¹ FARIAS, Juliana Barreto. **Mercados Minas: africanos ocidentais na praça do mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)**. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio, 2015. p. 223.

³² _____. **Mercados Minas: africanos ocidentais na praça do mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)**. p. 198.



de Isaura são todos brancos e livres. Isso serve para reforçar a ideia de que, após o casamento, a menina continuaria servindo ao seu senhor que não seria mais seu dono, mas seu marido/amante. É também parte de uma mesma tendência estudada por Carlos A. M. Lima, que enfatiza como, numericamente e sob a perspectiva senhorial, as mulheres escravas realizavam casamentos ascendentes³³. Além disso, segundo esse mesmo pesquisador, com relação às libertas, quanto mais afastadas da atribuição de cor negra e de um passado africano, maiores eram as chances de realizar um casamento superior às condições da mulher³⁴. Talvez essa seja a situação imaginada por Bernardo Guimarães, mesmo quando desejasse enfatizar apenas a força e dignidade de sua personagem que resistia a tantas ofertas.

Essas propostas feitas a Isaura ajudam também a perceber como o literato participava da divulgação de um mundo no qual as mulheres deveriam servir. A liberdade tinha o limite do casamento. Significava sair da sujeição senhorial e entrar para o lar, organizado segundo as vontades de um marido que carregava a lembrança da gratidão. Essa solução coloca no mesmo patamar esposa e escravos, ambos com os seus direitos negados³⁵. O casamento como privação de direitos não era uma particularidade de quem havia vivido como escrava a maior parte de sua vida. No entanto, quando ex-escravas percebiam a situação de relativa similaridade com a escravidão dentro do matrimônio, provavelmente se dessem conta do engodo do qual haviam participado. Algumas recorriam aos tribunais para obter o divórcio e, em alguns casos, cortar qualquer relação com seus ex-maridos³⁶. Outras tantas devem simplesmente ter encontrado, no dia a dia, formas diversas de lidar com o contrato firmado.

Os dois homens brancos que vão disputar mais longamente a atenção de Isaura são Leôncio e Álvaro. Como era casado, Leôncio precisava disfarçar, diante de Malvina, as suas verdadeiras intenções. Quando Malvina advogava pela liberdade de sua mucama, Leôncio recorria à ideia tão difundida por aqueles tempos de que os escravos precisavam ser tutelados,

³³ LIMA, Carlos, A. M. “Além da hierarquia: famílias negras e casamento em duas freguesias do Rio de Janeiro (1765-1844)”. *Afro-Ásia*, 24, 2000. p. 138.

³⁴ _____. “Além da hierarquia: famílias negras e casamento em duas freguesias do Rio de Janeiro (1765-1844)”. p. 141.

³⁵ MCCLINTOCK, Anne. “Couro imperial – raça, travestismo e o culto da domesticidade”. In: **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 265.

³⁶ Sandra Graham mostra em “Ser mina no Rio de Janeiro do século XIX” a história do pedido de divórcio impetrado por Henriqueta. Henriqueta e Rufino casaram-se em 1855, no Rio de Janeiro. Um ano e meio depois da realização do casamento, a mulher pediu o “divórcio eclesiástico, alegando ter sofrido ferimentos graves e ‘com perigo de sua vida’”. Henriqueta ainda alegava que Rufino havia furtado uma corrente de ouro dela e que “ela sozinha ganhava o dinheiro que sustentava os dois, até mesmo o aluguel, enquanto ele ficava ‘só deitado ou a vadiar pelas ruas’”. No final das contas, Henriqueta se libertou de um casamento pautado pela violência e ainda restaurou seu bom nome na praça, como alguém que vivia honestamente e pagava as suas dívidas. Conferir: GRAHAM, Sandra. “Ser mina no Rio de Janeiro do século XIX”. In: *Afro-Ásia*, 45, 2012..



porque não tinham condições para usufruir da liberdade. No caso de uma mulher, antes de libertá-la do cativeiro, era preciso “primeiro assegurar-lhe uma posição decente, honesta e digna de sua beleza e educação, procurando-lhe um bom marido”³⁷. O caminho seguido por uma escrava para alcançar a liberdade, de acordo com as ideias defendidas pelo literato, era muito mais longo. Não bastava uma boa instrução e habilidade para exercer algum ofício. O casamento impunha-se como ferramenta de controle para as mulheres livres e também para as escravas, especialmente às domésticas. Quando estudou o pedido de anulação do casamento de Caetana, Sandra Graham chamou atenção para o fato de que aquela escrava contava com vários benefícios, por ser uma mucama que trabalhava diretamente para as mulheres da família que residiam na casa-grande. Por outro lado, os favores recebidos deveriam ser retribuídos por meio de “uma elevada expectativa de obediência e serviço leal, uma quase constante vigilância exercida por uma senhora sempre de olho”³⁸. Além disso, a influência que essas escravas poderiam exercer sobre as outras mulheres da família fazia com que o casamento delas fosse desejável e a escolha do nubente não pertencesse apenas à escrava. Desse modo, quando se tratava de casamentos de escravas domésticas, não era possível considerar apenas o desejo do casal, nem os acordos financeiros. Esses enlaces eram vistos também como forma de jogar um véu de moralidade sobre toda a família senhorial.

Ao contrário de Henrique e Belchior, Leôncio ainda alegava não poder oferecer liberdade para Isaura porque dizia amar a moça. Nesse ponto, seguia o mesmo exemplo de sua mãe que havia dado amor à escrava sem chegar a conceder liberdade, por receio de perdê-la. Na tentativa de se defender dos ataques sexuais de Leôncio, Isaura usava princípios burgueses, dizendo que o senhor não poderia abandonar a esposa, porque Malvina era “uma mulher bonita, fiel e virtuosa”³⁹. E quando Leôncio fazia Isaura se lembrar de que era uma escrava, propriedade dele, assim como “um vaso”, e que por isso poderia “usar” ou “despedaça-lo”, ela apropriava-se de um discurso romântico e afirmava que “o coração é livre; ninguém pode escravizá-lo, nem o próprio dono”. O homem partia para ameaças com forte tom sexual e ainda acusava a mulher de viver de “tocar piano e ler romances”. Assim, deixava claro o seu discurso predador, diante de uma pessoa que mesclava argumentos retirados de sua situação de escravizada e da educação que havia recebido.

³⁷ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 52.

³⁸ GRAHAM, Sandra. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. p. 49.

³⁹ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 56.



Álvaro, o príncipe encantado do romance, logo na apresentação de seu perfil, já deixava escapar o quão diferente dos outros homens deveria ser. Além de muito rico, era filósofo, havia estudado direito, “tinha ódio a todos os princípios e distinções sociais”, além de “liberal, republicano e quase socialista”. Para completar, a informação que mais importava no contexto da história: não tinha escravos e era “abolicionista exaltado”⁴⁰. No entanto, não havia simplesmente oferecido a liberdade aos escravos:

Álvaro tinha um espírito minimamente filantrópico, conhecendo quanto é perigoso passar bruscamente do estado de absoluta submissão para o gozo da plena liberdade, organizou para os seus libertos em uma de suas fazendas uma espécie de colônia, cuja direção confiou a um probo e zeloso administrador. Dessa medida podiam resultar grandes vantagens para os libertos, para a sociedade e para o próprio Álvaro. A fazenda lhes era dada para cultivar, a título de arrendamento, e eles, sujeitando-se a uma espécie de disciplina comum, não só se preservavam de entregar-se à ociosidade, ao vício e ao crime, tinham segura subsistência e podiam adquirir pecúlio, como também poderiam indenizar a Álvaro o sacrifício que fizera com a sua emancipação⁴¹.

Bernardo Guimarães parecia querer usar o mocinho da sua história como exemplo aos senhores de escravos. Mostrava qual a melhor forma de substituir a mão de obra escrava, utilizando os serviços dos libertos. Com isso, o literato acabava fazendo parte de uma discussão muito mais ampla e que foi acompanhada por Celia Azevedo, quando a historiadora tentou entender a vinda de setecentos mil imigrantes para São Paulo, nas duas últimas décadas do século XIX. A opção por imigrantes gerou uma farta polêmica, registrada nos Anais da Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo. Não havia consenso de qual seria a melhor solução para a substituição do trabalho escravo no Brasil. Em oposição ao posicionamento imigrantista, havia quem acreditava na possibilidade de se aproveitar os nacionais livres e aqueles escravos que fossem adquirindo a liberdade⁴². A lição deixada por Álvaro tendia justamente para esse caminho: libertar os escravos e transformá-los em trabalhadores agradecidos que continuariam exercendo as mesmas funções em sua fazenda. Seriam tão gratos que devolveriam os salários recebidos sob a forma de indenização pela liberdade.

O posicionamento de Álvaro é bastante estratégico para Bernardo Guimarães, pois, além de mostrar como os senhores de escravos deveriam se portar para buscar trabalhadores, o personagem também servia de exemplo sobre como se relacionar com as mulheres. É interessante observar que, nesse caso também, o jovem abolicionista usava sua fortuna para

⁴⁰ _____. *A Escrava Isaura*. p. 65.

⁴¹ _____. *A Escrava Isaura*. p. 66.

⁴² AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco: O negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004 (3ª edição). p. 94.



tentar atrair Isaura. Afirmava diante da moça, antes de saber da condição dela de escravizada, que era “senhor de uma fortuna considerável”, tinha uma “posição honrosa e respeitável na sociedade” e gostaria de partilhar com ela “os bens que a fortuna prodigalizou-me”⁴³. Fortuna parecia ser, portanto, um distintivo essencial para conquistar as jovens moças casadoiras e foi um recurso utilizado por todos os personagens masculinos que pretendiam chegar ao coração de Isaura.

Depois que soube da condição de Isaura, Álvaro agiu o tempo todo dentro das leis que regulavam a escravidão. É preciso recordar que Bernardo Guimarães, enquanto preparava o seu romance para publicação, encontrava-se imerso no turbilhão de aprovação e depois de aplicação da lei de 28 de setembro de 1871. Também não podemos nos esquecer de que sua narrativa é ambientada na década de 1840, quando a lei contra o tráfico de 1831 estava em vigor, embora não fosse aplicada e nem tivesse reduzido a entrada de africanos no país. Isso favoreceu a construção de diálogos entre os personagens Álvaro e o seu amigo e advogado Geraldo. As falas desses dois personagens traduzem certamente a desesperança do literato diante da Justiça e a incerteza a respeito daquela legislação. Afinal de contas, a lei de 28 de setembro carregava a lembrança de outras que “não pegavam” no país⁴⁴. Isso talvez ajude a pensar sobre a descrença do literato no momento de escrita e publicação do romance.

Antes das lições sobre Direito e legislação escravista, Bernardo Guimarães mostra como a liberdade de Isaura é buscada de vários modos. Num primeiro momento, é o pai da moça quem tenta comprar a carta de alforria dela. A estratégia não funciona, porque Leôncio rejeita o valor anteriormente combinado. Leitores antenados com as discussões que levaram à publicação da lei do Ventre Livre, talvez tenham imaginado que, se aquela história ocorresse posteriormente à sua assinatura, Álvaro e seu advogado poderiam recorrer à Justiça e solicitar a avaliação da escrava, com base no artigo 4º da lei. Até 1871, entretanto, isso não era possível. Isaura e seu pai, frustrados diante da impossibilidade de adquirir a carta de alforria, decidiram fugir. Nessa fuga para Recife, Isaura adotou o nome de Elvira e passou a viver como se tivesse nascido livre, sem qualquer marca da escravidão. Sua cor e educação favoreceram nessa empreitada, mas um anúncio de jornal, publicado por Leôncio, causou a descoberta da moça. Quando fez essa opção por desmascarar pai e filha, Bernardo Guimarães retirou de Isaura todo o protagonismo na conquista de sua liberdade. A personagem foi colocada, a partir desse momento, debaixo das

⁴³ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 83.

⁴⁴ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. p. 138.



estratégias traçadas pelo homem que pretendia se casar com ela. O literato garantia que a liberdade de Isaura fosse conquistada por meio do casamento, mesmo sendo esse enlace realizado de acordo com princípios românticos.

Álvaro aventou então várias possibilidades sempre em diálogo com seu advogado. Primeiro tentou buscar provas que garantissem a liberdade da moça. A ideia era demonstrar, por meio de testemunhas, que a mãe de Leôncio pretendia libertar Isaura, mas que não teve tempo de registrar essa vontade em testamento⁴⁵. Quanto a isso, foi alertado de que Leôncio possuía o “incontestável direito de reclamar e apreender a sua escrava onde quer que se ache”⁴⁶. Na verdade, o que Bernardo Guimarães colocava em discussão era uma premissa muito utilizada durante a aprovação da lei do Ventre Livre. Ou seja, de que o poder público não poderia interferir na propriedade privada. Nesse sentido, houve quem defendesse a intervenção, como Joaquim Manoel de Macedo, que, por meio da construção de um personagem contido em *Memórias do sobrinho de meu tio*, explicitava que “o Estado tinha de submeter o poder privado dos senhores ao domínio da lei; não havia alternativa para obter a emancipação dos escravos”⁴⁷. Bernardo Guimarães, por sua vez, com o advogado Geraldo, defendia que o poder público não poderia “devassar o interior do lar doméstico e ingerir-se no governo da casa do cidadão”⁴⁸.

Bernardo Guimarães explicitou um posicionamento claro sobre como encaminhar o processo que levaria ao término da escravidão no país. Usou o seu personagem masculino de melhor índole para criticar a legislação existente, chamando as leis de “desastradas”. Ainda colocou as seguintes palavras na boca do advogado Geraldo: “O senhor tem direito absoluto de propriedade sobre o escravo, e só pode perdê-lo manumitindo-o ou alheando-o por qualquer maneira ou por litígio provando-se liberdade, mas não por sevícias que cometa ou outro qualquer motivo análogo”⁴⁹.

Vale a pena ressaltar que, ao contrário daquilo que Bernardo Guimarães queria que seus leitores acreditassem, a Justiça era sim uma porta para se obter a liberdade. Elciene Azevedo mostrou como pessoas escravizadas nascidas no Brasil e também africanos introduzidos no país,

⁴⁵ Mesmo quando essa vontade era expressa em testamento, isso não significava que o escravo ou escrava teria liberdade imediata. Juliana Barreto Farias trabalha com a história de Emília Soares do Patrocínio. Essa africana mina obteve a sua alforria, mas a filha dela recebeu uma carta, da mesma senhora, “com a condição expressa de servi-la até sua morte”. A menina só pode desfrutar a liberdade dezoito anos depois, quando sua senhora revogou a obrigação imposta. Conferir: FARIAS. **Mercados Minas**. p. 239.

⁴⁶ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 92.

⁴⁷ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. p. 157.

⁴⁸ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 92.

⁴⁹ _____. **A Escrava Isaura**. p. 93.



após a lei de 1831, tentaram nos tribunais escapar da escravidão. É interessante observar como faziam isso, muitas vezes, sem contar com o apoio de homens ilustrados. Alguns desses escravizados “tiveram uma percepção muito acurada do momento em que viviam e dos paradoxos que a Justiça brasileira enfrentava em relação ao seu estatuto jurídico”⁵⁰. A pesquisadora ainda defende que a possibilidade de usar a lei como instrumento para alcançar a abolição surgiu antes mesmo de 1871⁵¹. Bernardo Guimarães estaria, portanto, nadando contra a maré? O tom didático e explicativo, quando introduz as falas do advogado Geraldo, deixa entrever um pouco a respeito de seu posicionamento e da intenção de convencer os leitores da validade dos argumentos apresentados. É certo que Bernardo Guimarães não era contrário à emancipação. No entanto, deixava escapar sua visão de que a legislação do país não estava dando conta de resolver aquela situação. Demonstrava também a sua convicção a respeito dos limites das leis e da atuação e força dos senhores nos tribunais. Por isso, acaba construindo um epílogo em que retira o protagonismo de Isaura e transforma Álvaro no grande herói, naquele que livra a mocinha do casamento com o “monstrengo” Belchior e da escravidão.

Quando Isaura é levada novamente para a fazenda de Leôncio, vê-se diante do seguinte plano, revelado pelo senhor à Malvina:

- E o que pretendes fazer de Isaura? – perguntou Malvina.
- Dar-lhe um marido e carta de liberdade.
- E já achaste esse marido?
- Pois faltam maridos?... Para achá-lo não precisei sair de casa.
- Algum escravo, Leôncio?... Oh! Isso não.
- E que tinha isso, uma vez que eu também forrasse o marido? Era cré com cré, lé com lé. Bem me lembrei do André, que bebe os ares por ela; mas por isso mesmo não a quero dar àquele maroto. Tenho para ela peça muito melhor.
- Quem, Leôncio?
- Ora quem!... O Belchior.
- O Belchior!... exclamou Malvina rindo-se muito. – Estás caçoando; fala sério, quem é?...
- É o Belchior, senhora, falo sério.
- Mas esperas, acaso, que Isaura queira casar-se com aquele monstrengo?
- Se não quiser, pior para ela; não lhe dou a liberdade, e há de passar a vida enclausurada e em ferros.

⁵⁰ AZEVEDO, Elciene. **O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionistas na província de São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 84.

⁵¹ _____. **O direito dos escravos**. p. 98.



- Oh!... Mas isso é demasiada crueldade, Leôncio. De que serve dar-lhe a liberdade em tudo, se não lhe deixas a de escolher um marido?... Dá-lhe a liberdade, Leôncio, e deixa ela casar-se com quem quiser⁵².

O diálogo é revelador de como o casamento poderia ser utilizado como forma de castigo, quando se tratavam de mulheres escravizadas. Também podemos observar como, de alguma maneira, Malvina se solidarizava com Isaura, mesmo que, no final das contas, não fizesse nada de concreto para livrar a moça do altar. Como mulher livre, Malvina sabia muito bem negociar as condições de seu casamento. Quando descobriu o interesse de Leôncio por Isaura, abandonou o marido e retornou para a casa paterna. Leôncio conseguiu trazê-la de volta para junto de si, fazendo promessas, pois precisava garantir a fortuna do sogro. Desse modo, por mais que mulheres brancas se vissem em condições de desvantagem dentro de um casamento, mulheres escravas, como as personagens Isaura, Juliana e Rosa, estavam, o tempo todo, sujeitas a vários tipos de violência, inclusive a sexual. Porque era essa a finalidade de Leôncio com aquele projeto de casamento. Retirar de Isaura o poder de escolher um marido. Se ele não ficaria com a moça, ela também não poderia terminar com quem desejasse.

Para levar seu plano adiante, Leôncio buscou o consentimento do pai de Isaura, afirmando que “quero casar a sua filha com um homem de bem e dar-lhe a liberdade; porém para esse fim preciso muito de sua coadjuvação”⁵³. Leôncio buscava cúmplices para o seu plano, sem revelar o caráter punitivo que imprimia ao casamento, mesmo quando todos sabiam que era essa a sua intenção. Ainda completava afirmando à Isaura que “sempre é alguma coisa sair do cativeiro e casar-se com um homem branco e livre”⁵⁴. Todas as frases de Leôncio tinham um tom solene, mas guardavam mesmo era o caráter de deboche, diante de uma escrava e do pai dela que nada poderiam fazer. Ao construir uma personagem feminina que tentava se casar por amor e não se submetia aos caprichos sexuais de seu senhor, Bernardo Guimarães certamente ganhava aliados em sua luta contra a escravidão. Pelo menos contra a escravização de mulheres brancas e bem educadas. Ver aquela personagem sendo obrigada a se casar com um homem deformado fisicamente e que, de acordo com os princípios médicos defendidos à época, não seria capaz de gerar filhos saudáveis também deve ter servido para que a causa de Isaura ganhasse mais alguns adeptos entre as leitoras.

A situação é resolvida apenas no último lance do livro, quando Álvaro aparece e afirma ter em suas mãos toda a fortuna de Leôncio. Isaura, numa atitude de heroína, ainda ajoelha-se e

⁵² GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 111.

⁵³ GUIMARÃES. *A Escrava Isaura*. p. 112.

⁵⁴ _____. *A Escrava Isaura*. p. 117.



suplica por seus senhores. Diante disso, Álvaro exclama: “Levanta-te, Isaura; não é a meus pés, mas sim em meus braços, aqui bem perto do meu coração, que te deves lançar, pois, a despeito de todos os preconceitos do mundo, eu me juro o mais feliz dos mortais em poder oferecer-te a mão de esposo!...”⁵⁵. O preço da liberdade de Isaura parecia ser mesmo o casamento. Deveria se casar com alguém que, embora fosse o herói mais digno da história, ainda assim fez questão de lembrá-la dos preconceitos que sofreria por causa de seu ato supremo. O alento estava na inserção do amor romântico e na perspectiva do gênero literário de que viveram felizes para sempre.

“É bonita demais para mucama”

Diante das escolhas de Bernardo Guimarães para os seus personagens, fica uma pergunta: Isaura teria outra opção além do casamento? Mais uma vez, tomando como referência as histórias publicadas por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, retomemos o conto “Miloca”. Já vimos como o pai dessa personagem seguia tendência de sua época de aceitar as escolhas conjugais feitas pela filha. Logo no início da narrativa a menina aparece com 17 anos, era excelente pianista e, embora não fosse filha de nenhum rico fazendeiro, o pai fez questão de oferecer uma educação esmerada para ela. Estudou num colégio como pensionista e “ficou em contato com as filhas das mais elevadas senhoras da capital”⁵⁶. A realização do casamento de Miloca inquietava não apenas o pai dela, como também uma tia viúva que temia o fato de a moça ficar sem proteção no mundo. Logo apareceu um pretendente que foi rejeitado por Miloca, que se referia a ele como “um pé rapado”. Quando o pai e a tia de Miloca morreram, a moça foi obrigada a morar com uma vizinha e, depois, decidiu virar professora. Com isso o literato indicava uma solução para a sua personagem. A mesma que, mais tarde, foi oferecida à Estela, personagem de *Iaiá Garcia* (1878), romance também de autoria de Machado de Assis. Era possível viver sem a proteção de ninguém apenas com o rendimento de algum ofício. Por mais dura que essa opção figurasse. Miloca, por exemplo, não ficou satisfeita com a vida de trabalhadora, tornou-se amante de seu primeiro pretendente, aquele a quem ela havia qualificado de pé rapado. O amor da menina pelo rapaz surgiu depois que ele herdou uma grande fortuna. Mas, no final da história, a menina foi abandonada. Esse desfecho servia para que Machado de Assis deixasse uma punição à sua personagem para que suas leitoras não seguissem o mesmo caminho dela. Essa era uma das exigências daquela revista, de modo que o literato muitas vezes adiou bastante o tal do castigo,

⁵⁵ _____. *A Escrava Isaura*. p. 127.

⁵⁶ *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1875. p. 2.



deixando as personagens se divertir e, conseqüentemente, mostrando diversas estratégias de como driblar as angústias do dia a dia⁵⁷.

Os textos literários não usavam o casamento como única opção para as moças. Muitas delas, no entanto, mesmo as escravizadas, escolhiam se casar⁵⁸. Mulheres brancas e que haviam nascido livres, quando escolhiam o casamento, algumas vezes eram definitivamente colocadas para fora do mundo do trabalho. Até porque, naquele momento, fortalecia a ideia de que as mulheres de classe média deviam ocupar um “lugar ornamental na sociedade”⁵⁹. Certamente esse foi o novo lugar ocupado por Isaura, depois que conseguiu a sua tão almejada alforria e se casou com Álvaro.

Antes disso, no entanto, Bernardo Guimarães ofereceu uma visão especial sobre a questão do trabalho em seu romance. Logo no segundo capítulo, os leitores e leitoras são informados de que, com vinte e cinco anos, Leôncio ainda não havia trabalhado. Depois de aproveitar a “bolsa paterna mais do que era preciso para sua educação”, foi levado a escolher alguma carreira. O rapaz cogitou o comércio, sem deixar escapar a possibilidade, embora inicialmente rejeitada, de envolver-se com a importação e exportação de gêneros e o tráfico de africanos. Seu pai, que conhecia muito bem a cria, temia pela fortuna e foi logo contra aquela ideia. Restou a Leôncio optar pelo casamento, como forma de aumentar a fortuna. Desse modo, o casamento era também uma maneira de fugir do trabalho. Não eram apenas as mocinhas frágeis, desamparadas ou as escravas que faziam essa opção.

A partir desse momento, começa a ser criada no romance a ideia de que o trabalho equivalia a um castigo. Com certeza, alguns tipos de trabalho eram utilizados, pelos senhores, como forma de castigar seus escravos. Foi isso o que aconteceu com a mãe de Isaura, quando não aceitou as investidas sexuais do pai de Leôncio. Certamente o serviço na lavoura e sob a vigilância de um feitor previamente recomendado era mais árduo do que o trabalho realizado dentro de casa. No entanto, Bernardo Guimarães recorre à ideia de que o serviço doméstico não era trabalho. Afinal de contas, na casa grande, Juliana apenas “desempenhava levianos e dedicados serviços”⁶⁰. Enquanto, na roça, não seria poupada. Mesmo numa fazenda dedicada à

⁵⁷ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Contos de Machado de Assis: leitores e leituras do Jornal das Famílias**. p. 71.

⁵⁸ FARIA, Sheila de Castro. “Damas mercadoras – as pretas minas no Rio de Janeiro (século XVIII a 1850)”. In: SOARES, Mariza de Carvalho (org.). **Rotas Atlânticas da Diáspora Africana da Baía do Benin ao Rio de Janeiro**. 2ª edição. Niterói: EDUFF, 2011. p. 115.

⁵⁹ MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial – raça, travestismo e o culto da domesticidade**. p. 240.

⁶⁰ GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 24.



produção, construía-se a noção de que o lar era o espaço da intimidade e do não-trabalho. O trabalho restringia-se à lavoura e a um salão onde as escravas “se ocupavam em fiar e tecer lã e algodão”. Esse espaço de trabalho prioritariamente feminino é descrito com minúcias:

Os móveis desse lugar consistiam em tripeças, tamboretas, bancos, rodas de fiar, dobadeiras e um grande tear colocado a um canto.

Ao longo do salão, defronte de largas janelas guarnecidas de balaústres, que davam para um vasto pátio interior, via-se postada uma fila de fiandeiras. Eram de vinte a trinta negras, crioulas e mulatas, com suas tenras crias ao colo ou pelo chão a brincarem em redor delas. Um conversavam, outras cantarolavam para encurtar as longas horas de fastidioso trabalho. Viam-se ali caras de todas as idades, cores e feitios, desde a velha africana, trombuda e macilenta, até a roliça e luzidia crioula, desde a negra brunida como azeviche até a mulata quase branca⁶¹.

Além de descrever o ambiente de trabalho, Bernardo Guimarães também deixava registrada a linha de branqueamento a qual acreditava que o país estava passando. Para isso, desqualificava aquelas que estavam mais próximas das origens africanas⁶². Mesmo as personagens escravas que faziam funcionar a roda de fiar acreditavam que aquele trabalho era, de certo modo, mais ameno e temiam o futuro no cafezal. Para tanto, ponderavam: na lavoura, ficariam mais “à vontade”, longe das vistas senhorial; trabalhando como fiandeiras, por sua vez, estavam livres “do maldito feitor”. A conta não era fácil de ser realizada.

O trabalho como castigo foi utilizado por Leôncio para tentar conseguir os tão desejados “favores sexuais” de Isaura. A menina foi retirada do lar, lugar onde as mulheres não trabalhavam segundo a visão masculina, e levada para junto das outras escravas. Lá foi alertada pelo feitor:

“De hoje em diante é aqui o teu lugar; esta roda te pertence, e tuas parceiras que te deem tarefa para hoje. Bem vejo que te não há de agradar muito a mudança; mas que volta se lhe há de dar?... Teu senhor assim o quer. Anda lá; olha que isto não é piano, não; é acabar depressa com a tarefa para pegar em outra. Pouca conversa e muito trabalhar...”⁶³

Isaura não teve dificuldades no novo trabalho. Por mais que Bernardo Guimarães gostasse de lembrar que a moça estava mais acostumada com os trabalhos “delicados” da sala. Ainda acrescentava que, provavelmente quem observasse a cena de Isaura trabalhando, poderia imaginar que estava ali uma “senhora moça que, por desenfado, fiava entre as escravas”⁶⁴. O

⁶¹ _____ . **A Escrava Isaura**. p. 43.

⁶² Mais adiante, Bernardo Guimarães coloca, na boca do pajem André, a seguinte frase: “- Não, não, Isaura; Deus me livre de te ofender; pelo contrário, dói-me deveras dentro do coração ver aqui misturada com essa corja de negras beçudas e catiguentas uma rapariga como tu, que só merece pisar em tapetes e deitar em colchões de damasco”. GUIMARÃES. **A Escrava Isaura**. p. 49.

⁶³ _____ . **A Escrava Isaura**. p. 46.

⁶⁴ _____ . **A Escrava Isaura**. p. 46.



trabalho, portanto, aos brancos serviria como forma de castigo e também como desenfado. Para Leôncio, o trabalho fiando o algodão era um “lugar de vadição”. Por isso, sua cartada final, foi mandar todas as mulheres para a colheita de café.

Certamente a própria Isaura, assim como outras mulheres que cuidavam de suas casas, com filhos e marido, talvez acreditassem que o serviço realizado por elas fosse menor, não só em esforço físico como em importância. Por isso, ao planejar a fuga, o pai de Isaura considerava que tinham condições de se manter sozinhos. Pois ele poderia trabalhar, enquanto ela tinha “prendas e habilitações”⁶⁵. Vemos, então, como Bernardo Guimarães, por meio de seu romance, apoiava e ajudava na divulgação da ideia de que os escravos, depois de libertos, poderiam atuar como trabalhadores nas lavouras. Com isso, dialogava e discordava de quem desconfiava da impossibilidade dessa substituição⁶⁶. Com relação às mulheres escravas, por mais que guardassem “prendas e habilitações”, somente o casamento poderia livrá-las de qualquer corrupção ou vida desregrada. O literato defendia essa ideia mesmo convivendo com tantas mulheres quitadeiras que viviam honestamente nas ruas do Rio de Janeiro e várias outras que devem ter trabalhado servindo a casa dele.

Como escritor de literatura, Bernardo Guimarães participava das discussões em torno do processo que culminou na abolição da escravidão. Em *A Escrava Isaura* havia abertura para discutir várias questões em torno da situação dos ex-escravos no pós-abolição, considerando as diferenças sexuais. Além de ser um alerta à classe senhorial sobre a maneira como poderiam resolver a suposta escassez de mão-de-obra. O romance possui cenas melodramáticas, talvez, com a finalidade de agradar o paladar das mocinhas leitoras mais ingênuas. Mas não deixava de ser um panfleto, a maneira daquele romancista, contra a manutenção da escravidão no Brasil.

⁶⁵ _____. *A Escrava Isaura*. p. 75.

⁶⁶ ALBUQUERQUE, Wlamyra. “A vala comum da ‘raça emancipada’: abolição e racialização no Brasil, breve comentário”. *História Social*. Campinas, N. 19, segundo semestre de 2010. p. 96.